Permanência de estudantes com deficiência visual no Ensino Superior: em busca da superação do Capacitismo

Elisabete Cristina Pereira Eches [1]
Eduardo José Manzini[2]

Resumo. Este trabalho é parte de uma pesquisa de Doutorado em Educação. O problema proposto a estudar é como o Capacitismo se mostra na permanência de estudantes com deficiência visual no Ensino Superior? Este estudo almeja apresentar falas e comportamento capacitistas relatados por estudantes com deficiência visual egressos do Ensino Superior estabelecendo discussões com o Materialismo Histórico Dialético. Utilizou-se a Escala de Satisfação e Atitudes, Entrevista Semiestruturada e Caderno de Conteúdo como sistemas de coleta. Conclui-se que as falas de capacitismo se referem à invalidação, supervalorização e incapacidade dos participantes, portanto, temas condizentes com a alienação da realidade denunciada pela Materialismo.

Palavras-chave: Deficiência Visual; Ensino Superior; Capacitismo.

Abstract: This work is part of a Doctoral research in Education. The proposed problem to study is how Ableism manifests in the retention of students with visual impairment in Higher Education. This study aims to present ableist statements and behaviors reported by students with visual impairments who graduated from Higher Education, establishing discussions with Dialectical Historical Materialism. The Satisfaction and Attitudes Scale, Semi-structured Interview, and Content Notebook were used as data collection systems. It is concluded that ableist statements refer to participants' invalidation, overvaluation, and incapacity, therefore topics consistent with the alienation of reality denounced by Materialism.

Keywords: Visual Impairment; Higher Education; Ableism.

[1] Doutoranda em Educação, Pedagoga/IFPR, aluna/Unesp Marília, elisabeteechesacademico@gmail.com.
[2] Doutor, Professor voluntário/Unesp Marília, eduardo.manzini@unesp.br.

1. INTRODUÇÃO

O acesso ao Ensino Superior por pessoas com deficiência tem sido realidade no Brasil há alguns anos. Entre os anos 2000 e 2023 o INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), apontou um aumento de 3000% das matrículas dos estudantes púnblico-alvo da educação especial no Ensino Superior (INEP, 2024). Pode-se dizer que este aumento foibem significativo e demonstra que a sociedade brasileira tem buscado de alguma maneira receber esses estduantes no Ensino Superior. Isso ocorre tanto por pressão dos movimentos sociais de pessoas com deficiência, por leis nacionais e estaduais, por processos judiciais movidos por estes estudantes, por melhora em tratamentos de saúde bem como por melhores condições didático pedagógicas das escolas de educação básica. Fatores que permitem que os estudantes com deficência possam acessar, permanecer e concluir o Ensino Superior.

Dentre estes estudantes, estão os estudantes com deficiência visual que entre os anos 2000 e 2018 foram 34,31% dentre os estudantes público-alvo da educação segundo o Censo da Educação Superior, sendo o maior índice de estudantes neste público (Martins; Leite; Lacerda, 2015; Eches, 2021; INEP, 2020). Não é possível trazer dados mais atualizados sobre os estudantes com deficiência visual no Ensino Superior porque este dado não é mais disponibilizado nos microdados do Censo devido a Lei de Acesso a Informação. Entretanto, essas informações foram suficientes para indicar a necessidade de aprofundamento nesta temática.

Portanto, optou-se por pesquisar sobre estudantes com deficência visual no Ensino Superior. Para tal, foi necessário à autora ingressar no Doutorado em Educação e pesquisar o tema. Deste modo, esse trabalho é parte de uma pesquisa de Doutorado em Educação da Unesp – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquista Filho - campus Marília. O estudo está aprovado pelo Comitê de Ética da referida Universidade com parecer circunstanciado nº n° 7.438.246.

A partir de então seria necessário se encontrar com os estudantes ou egressos do público escolhido e desenvolver entrevistas com estes. Foram utilizados três sistemas de coleta de dados utilizados na pesquisa de Doutorado.

Escala de Satisfação e Atitudes (Guerreiro, 2011), Entrevistas Semiestruturadas e o Cadeno de

Conteúdos dessas entrevistas. Aqui serão apresentados alguns dados coletados durante o desenvolvimento desses três sistemas.

A partir desta proposta metodológica o problema proposto neste estudo é: como o Capacitismo se mostra na permanência de estudantes com deficiência visual no Ensino Superior?

Fez-se a opção de apresentar alguns dos dados da pesqusia de doutorado neste estudo porque demonstraram diversas falas e comportamentos considerados capacitistas por pessoas da comunidade acadêmica desses estudantes, bem como críticas dos próprios estudantes a essas falas e comportamentos. Do mesmo modo, alguns estudantes apontaram sugestões de comportamentos mais adequados em relação à eles.

O *Capacitismo* é um vocábulo utilizado atualmente para designar preconceito em relação à pessoa com deficiência (Oxford Languages, 2026; Marchesan, Carpenedo, 2021 p. 45). O termo “acolhe um conjunto de sentidos que revelam preconceitos e estereótipos socialmente construídos e historicamente difundidos, que hoje perpassam os discursos do senso comum” (Marchesan, Carpenedo, 2021 p. 45). O capacitismo pode atrapalhar o desenvolvimento das potencialidades das pessoas com deficência em diversos âmbitos de suas vidas, portanto é uma temática de grande interesse nos dias de hoje.

Para a discussão dos dados será utilizado o Materialismo Histórico, uma teoria que faz uma análise da sociedade capitalista e aponta os processos de exclusão que ocorrem nessa sociedade. Desta forma, esta teoria pode possibilitar análises que se coadunam com princípios da Educação Especial.

Portanto, o objetivo geral deste estudo é apresentar falas e comportamento capacitistas relatados pelos participantes da pesquisa estabelecendo discussões com o materialismo histórico dialético.

2. MÉTODO

2.1 Método Histórico Dialético

Por utilizar o Materialismo Histórico como base teórica de discussão deve-se

também utilizar o Método desta teoria para dar congruência ao estudo que aqui se propõe desenvolver. Esse método vai ao encontro da discussão sobre Capacitismo porque:

> [...] é a ferramenta necessária para denunciar a alienação vivenciada pelos homens, de modo a pensar o real a partir de conceitos que não são concretos, conduzindo-os assim, a ideias criadas previamente, ou melhor dizendo, levando-os a criação de pré-conceitos (Sehn, p. 6).

Assim, o preconceito velado no Capacitismo, é exposto pelo Materialismo.

Devido ao caráter ontológico da pesquisa, ncessário por ter o Materialismo Histórico como base teórica, é preciso desenvolver uma análise do contexto histórico social que permeia o objeto estudado, em busca da compreensão da estrutura e a dinâmica desse fenômeno.

Portanto, este estudo não se aterá apenas à descrição dos fatos, mais tentará uma análise mais profunda das informações.

> Sendo assim, o método escolhido nos permite descrever a conjuntura social do objeto de estudo, vendo-o como parte daquela conjuntura, como constituinte dela e como constituído por ela (Eches, 2021, p. 87).

Esse movimento dialético permite entender que por mais que se afaste um objeto da realidade para estudá-lo nunca haverá um desmembramento constitutivo entre ele e a realidade na qual está inserido. Para Marx e Engels (1963 apud NETTO, 2011), o mundo é um conjunto de processos e não um conjunto de coisas acabadas, devido a isso, é necessário entender o caráter histórico e social da pesquisa no Materialismo Histórico. Isso posto a partir de então é feita a descrição das atividades da pesquisa.

2.2 Desenvolvimento das entrevistas e Organização dos dados

As entrevistas foram desenvolvidas de forma presencial. Os participantes escolheram o local e horário de sua preferência. A Escala de Satisfação e Atitutes de Guerreiro (2011) é dividida em 3 partes: parte A dados de identificação, parte B – dados socioeconômicos, ambas possuem 25 questões abertas ou de múltipla escolha; já a parte C – Escala de Satisfação e Atitudes possui 48 questões

semiabertas e as respostas devem ser dadas em uma escala que vai de 1 a 7, e algumas questões possuem justificativa. A Escala de Satisfação e Atitudes na parte C versa sobre avaliação dos seguintes fatores: estrutural, operacional, psicoafetivo e atitudes diante de obstáculos.

A Entrevista Semiestruturada tinha um roteiro de 55 questões abertas elaborado pela autora e validado por especialistas na área de Educação Especial. O roteiro de Entrevista Semiestruturada versava sobre: 1.características pessoais, características socioeconômicas; 2. o modo como ocorreu o acesso ao Ensino Superior; 3. o modo como ocorreu o acesso ao ambiente físico, como é esse ambiente; 4. o modo como o estudante foi ambientado no curso, como tem sido as comunicações; 5. o modo como o estudante foi recebido pelos colegas, algum deles tem prestado algum auxílio ao estudante; 6. o modo como os professores receberam o estudante, fizeram alguma alteração nas suas aulas; 7. o modo como a instituição recebeu o estudante, houve preocupações com acessibilidade.

O Caderno de Conteúdo é a retomada da escrita da Entrevista Semiestruturada e apresentava 55 questões no primeiro encontro, nos demais encontros o número de questões ia diminuindo conforme o participante e a pesquisadora validavam as respostas.

A entrevista é uma interação social entre participante e pesquisador, dois sujeitos históricos que mantém um diálogo sobre um tema de interesse social. A Entrevista Semiestruturada tem como vantagem ter acesso a informações mais livres, apresentar respostas não pré-estabelecidas (Manzini, 1990/1991 apud Manzini 2020). Já o Caderno de Conteúdos “[...] é composto pelas verbalizações de um entrevistador e entrevistado [...] que são gravadas, transcritas e apresentadas ao entrevistado, [...] como se fosse um caderno [...] (Manzini, 2020, p. 184).

No primeiro encontro do Caderno de Conteúdos era feita a leitura pela pesquisadora das 55 questões feitas por ela e respondidas pelo participante, caso a pesquisadora quisesse se aprofundar em alguma resposta fazia novas perguntas para complementar. Da mesma maneira, o participante poderia alterar alguma resposta acrescentando ou retirando partes que achasse adequadas de serem modificadas. No segundo encontro do Caderno de Conteúdos só era feita a leitura das questões do roteiro que tiveram alguma alteração por parte do participante ou

da

pesquisadora. E assim ocorreria nos encontros seguintes caso nesse segundo encontro ainda ocorressem alterações do texto da entrevista.

Durante as entrevistas, tanto a Escala de Satisfação e Atitudes, como a Entrevista Semiestruturada, bem como o Caderno de Conteúdos, a pesquisadora fazia a leitura das questões e o participante respondia verbalmente. Os áudios dos encontros foram gravados utilizando um equipamento gravador de áudio da marca Knup, o aplicativo gravador de áudio de um notebook da marca Acer e o aplicativo gravador de áudio de um celular da marca Apple. Depois de cada encontro os áudios eram transcritos utilizando um software transcritor de áudio chamado Turbescribe, e revisados novamente pela pesquisadora.

Logo após a transcrição o texto era salvo em software editor de texto e inserido em um software de planilha eletrônica a fim de manter as informações dadas por cada participante organizadas em planilhas para melhor visualização. Não foram utilizados softwares de acesso pago. O gravador de áudio foi comprado pela pesquisadora exclusivamente para esta pesquisa, e o notebook e celular são de propriedade da pesquisadora.

Participaram da pesquisa 4 egressos do Ensino Superior que têm deficiência visual adquirida antes do ingresso na universidade. Todos eram do sexo masculino, dois eram barncos e dois pardos. Tinham idades entre 26 e 56 anos, sendo naturais do estado do Paraná.

Feitos os devidos esclarecimentos metodológicos avança-se para considerações sobre o Capacitismo para então iniciar-se as apresentações de alguns dados relatados que se relacionam à essa expressão.

3. CAPACITISMO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Muitas vezes o preconceito pode ser colocado de modo velado e/ou bem intencionado, seja por desconhecimento, seja por discriminação (Senado Federal, 2024). Mas sem perceber muitas pessoas podem ter falas, julgamentos ou comportamentos preconceituosos, hoje também chamados de *Capacitistas*. O termo Capacitismo surge da consideração de inferioridade ou limitação das capacidades das pessoas com deficiência em todos os aspectos de suas vidas (Marchesan,

Carpenedo, 2021). Entretanto, cada sujeito tem seu desenvolvimento próprio, e não existe a possibilidade de se definir a priore o que alguém é ou não capaz de fazer com base em julgamento.

Mesmo existindo pessoas com diversos tipos de deficiência, nem todas as pessoas com deficiência visual, por exemplo, utilizam o braille para escrever, ler e se comunicar. Igualmente, nem todas as pessoas com deficiência têm habilidade para utilizar o computador com programas leitores de tela. Essas diferenças são muito comuns entre as pessoas com deficiência visual. O mesmo também ocorre entre pessoas com outros tipos de deficiências ou necessidades.

Entretanto, o papel da sociedade é possibilitar que essas pessoas tenham acesso aos mesmos direitos que as pessoas sem deficiência têm. A Lei Brasileira de Inclusão prevê vários deles tais como: trabalho, estudo, moradia, saúde, constituição de uma família entre outros (Brasil, 2015).

Todavia, falas e comportamentos capacitistas atrapalham o acesso a esses direitos. Piccolo (2024) entende que a primeria definição de capacitismo vem de Rauscher e McClintock, para eles o Capacitismo é:

> [...] um sistema penetrante de discriminação e exclusão que oprime as pessoas com deficiências mentais, emocionais, sensoriais e físicas. Trata-se de crenças profundamente enraizadas sobre saúde, produtividade, beleza e o valor da vida humana, perpetuadas pelos meios de comunicação público e privados e que se combinam para criar um ambiente muitas vezes hostil [com] aqueles cujas características físicas, mentais, cognitivas e sensoriais ficam fora do escopo do que é atualmente definido como socialmente aceitável (Rauscher e McClintock, 1996, p. 198 apud Piccolo, 2024, p. 5).

Portanto, pode-se dizer que se trata de algo muito bem entranhado na sociedade, que muitas vezes as pessoas ou instiuições nem percebem que estão sendo capacitistas.

Desta maneira aqui serão apresentadas algumas falas dos participantes de nossa pesquisa de Doutorado que enfatizam esse caráter capacitista que permeia as falas e comportamentos da sociedade.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Caraterização dos participantes

Para melhor contextualizar a análise dos resultados cabe uma breve descrição dos participantes da pesquisa. Todos od 4 participantes eram egressos do Ensino Superior. Dois eram brancos e dois eram pardos. Possuiam idades entre 26 e 56 anos. Eram cegos os participantes 1,2 e 3, o participante 4 possuía baixa visão.

Durante a graduação os 4 participantes não estavam trabalhando e receberam algum tipo de bolsa para estudar. Os 3 egressos que estudaram em universidades públicas recebiam bolsas em valores monetários. O egresso que fez seu curso em universidade privada foi contemplado por uma bolsa 100% no Prouni – Programa Universidade para Todos, programa do governo federal que paga 50% ou 100% da mensalidade de cursos em universidades privadas para estudantes de baixa renda. Todos atualmente exercem a profissão que cursaram na universidade. A renda familiar média deles hoje está entre 5 e 6 salários mínimos, suas famílias têm em média 3 pessoas.

4.2 A permanência de estudantes com deficiência visual no Ensino Superior frente ao Capacitismo

Ao entrevistar os participantes desta pesquisa encontrou-se muitas falas e comportamentos preconceituosos tanto de rebaixamento, como de hipervalorização em relação à eles. Também foram trazidos relatos de falta de acessibilidade tanto física como tecnológica.

Cabe refletir que a deficiência não é apenas uma condição biológica, que pode ou não merecer algum tratamento de saúde, mas “[...] se configura culturalmente, e ainda que não tenha sido citada nos primeiros estudos marxistas, o capacitismo é uma categoria que demonstra que a construção social das deficiências é inseparável do capitalismo” (Santos, 2020, p. 2). Haja vista que, no capitalismo as relações de produção são sua força motriz e um corpo com deficiência não é visto como produtivo, portanto sendo alvo de exclusão.

Nos tópicos seguintes serão apresentadas algumas formas de capacitismos que ocorreram durante o Ensino Superior e foram relatadas pelos participantes

entrevistados.

4.2.1 Invalidação

O participante 1 ao relatar uma situação negativa pela qual passou na universidade comentou sobre a postura de um professor com muitos anos de carreira:

> Teve um procfessor com muitos anos de carreira que entregava as folhas de texto carteira por carteira e quando chegava na minha ele ficava esperando que eu pegasse a folha, então meus colegas vinham e pegavam da mão dele e colocavam sobre minha carteira.

O comportamento do docente retrata uma situação de não reconhecimento das necessidades da pessoa com deficiência visual, como se o aluno cego não fosse cego, ou como se o professor pouco se importasse com a condição do estudante. Marx e Engels (1998b, p. 19) afirmam que “é a partir de seu processo de vida real que representamos também o desenvolvimento dos reflexos e das repercussões ideológicas desse processo vital.” Os autores fazem uma crítica a Hegel e a outros filósofos de sua época que diziam que a realidade existe a partir do que os homens pensam, falam ou retratam, mas sim a partir da realidade material que surgem os pensamentos, falas e representações. Para eles o “ser social é quem determina a consciência” (Wlllians, 1979, p. 79). Ou seja, a consciência é determinada pela vida que a pessoa tem em sociedade (Marx; Engels, 1998a).

Entretanto, a sociedade capitalista trabalha sob o ponto devista de Hegel trazendo ideias dissociadas da realidade. Esse é um conceito chave para entender um pré-conceito que surge da alienação das pessoas em relação ao que é real. Deste modo, o professor tem uma ideia a respeito do estudante que não condiz com a realidade, mas que faz parte do senso comum disseminado pelas classes dominantes.

O participante 1 relatou que um dos pontos negativos de sua passagem no Ensino Superior era “fazer os professores entenderem a minha situação”.

Do mesmo modo, o participante 3 ao responder sobre pontos negativos durante sua passagem no Ensino superior comentou o tratamento distante dado por alguns professores:

> Ah.. Primeiro o, o... muitas vezes a distância, assim, inicial de alguns

professores, né? Ah... mesmo a gente conversando, as vezes o professor

> não se atentava ao que a gente falava. Ou quando o próprio núcleo solicitava, o professor não acatava aquilo que o núcleo solicitava, Não explicava porque ele não estava conseguindo, se é porque ele não conseguia fazer aquilo, não entendia, ou porque não queria mesmo. Então, a distância disso, né?

Essas duas últimas falas mostra resistência dos docentes em atender às especificidades dos estudantes. E isso acaba por inviabilizar o acesso ao conhecimento o qual precisam para concluirem seus cursos e exercerem uma profissão. Também é um modo de não reconhecer as necessidades dos estudantes.

Chauí (2014, p. 84) afirma que dentro da universidade existe uma ideologia que devido a “dificuldades teóricas” e às “exigências de iniciação científica” faz do acesso a produção da cultura no ambiente universitário “uma questão de talento e aptidão, isto é, um privilégio de classe [...]. Do mesmo modo, a autora enfatiza que “cotidianamente como professores e pesquisadores, praticamos violência”, “trata-se do saber para exercício do poder, reduzindo os estudantes à condição de coisas” (CHAUÍ, 2014, p. 82, 86).

Deste modo, se existem docentes do Ensino Superior que não vêem os estudantes com deficiência visual como pessoas com talento e aptidão, devido às condições de seus corpos queos colocam em uma classe inferior e os tratam como coisas, devido às relações de poder, logo, não existe a possibilidade desses estudantes serem entendidos e atendidos nas suas especificidades.

4.2.2 Supervalorização

A ser perguntado ao participante 1 se ele passava por algum constrangemento ao se deslocar no campus o mesmo respondeu: “Eu não passava por constrangimento porque eu acabei virando um, uma espécie de super herói, sabe. O pessoal olhava e falava [...], aquele cara cego está aqui, está fazendo e tal. Sabe?”

Marx e Engel (1998b) iniciam seu texto denunciando que os homens sempre criaram ideias equivocadas sobre si mesmos, baseando-se, na maior parte dos casos, em ideias que ideologicamente são construidas pela classe dominante. Consequentemente, a visão de um cego no Ensino Superior como alguém que é um

herói é um exemplo de ideia equivocada sobre um ser humano. Isso se dá, porque

tem-se o entendimento de que ali não é um lugar comum para cegos, de que a pessoa com cegueira não teria condições de estar ali. Portanto, quem está, é quase que alguém “sobrehumano”. Sendo que, isso deveria ser a regra, todas as pessoas com deficiência, inclusive àquelas com deficiência visual também acessarem o Ensino Superior.

4.2.3 Incapacidade

Neste tópico o participante 2 trouxe vários relatos relacionados a incapacidade, curiosamente, apesar de todos os participantes relatarem diversas falas e situações capacitistas pelas quais passaram apenas este participante afirmou que passou por preconceito quando foi questionado especificamente sobre o tema. O participante 2 ao descrever como foi seu relacionamento com os colegas relatou que:

> Logo no ínicio teve algumas pessoas que já começaram a conversar comigo. A maioria ainda teve aquela barreira. ... Mas a maioria teve aquela vamos... Vou ter que começar a vir aqui com mais frequência, né? Pra pessoa saber que eu também sou pessoa. E sempre tem aquela... aquele super. “nossa”
> “precisa de ajuda toda hora, né?” Alguma coisa assim de É. “Ah, você vai cair aqui.” Com coisa que eu não conhecia ainda o lugar. Essa barreira, né? Do eu não conheço. Então... não sei se é falta de conhecimento ou preconceito.

As pessoas tinham uma barreira para manter contato, como se não fosse possível, bem como achavam que ele era totalmente dependente delas. Como disse o participante as pessoas precisavam saber que ele também era pessoa, saberem que se ele conhecia o espaço ele saberia andar sozinho. O tratavam como se ele só fosse cego, e não uma pessoa cega, que tirando a visão tem todas as suas funções orgânicas, cognitivas, mentais e sociais preservada.

Meletti (2006) corrobora afirma que “o indivíduo é transformado em sua própria diferença, passa a ser reconhecido unicamente em função desta e sua deficiência passa a ser seu único atributo, como uma carga social de desvantagem e descrédito” (Meletti, 2006, p. 6). Por isso a necessidade dele ensinar as pessoas que ele também é uma pessoa, e não apenas um cego .

Ao expor como era o seu relacionamento com os demais funcionários da

instituição o participante 2 expôs:

> A gente não tem muito contato com. Nessa situação é essa que eu falei,

> né? Da comunicação mesmo. Se eu estivesse andando com uma pessoa que enxergava, eles, a maioria das vezes, iam perguntar sobre mim pra pessoa que estava do meu lado, que às vezes nem sabia quem eu era, se oferecia pra me ajudar. Aí, se eu fosse na biblioteca, infelizmente, quem tava lá na biblioteca ia perguntar o que eu ia fazer lá pra essa pessoa.

O participante 2 é cego, mas os funcionários da universidade o tratavam como se ele não tivesse condições de ouvir ou de entender o que eles diziam. Dessa forma acabavam ampliando erroneamente as limitações que a cegueira à uma pessoa. Sendo que, pessoas com cegueira não têm dificuldade de interação através da fala.

O mesmo participante ao ser pergutado se passou por situações de preconceito disse que:

> Muitas, né? Essa que eu sempre que eu tô relatando desde o início já é uma forma de discriminação, né? Da barreira da comunicação. É e... Excluir, por exemplo, alguma atividade que eu tinha condição de fazer, mas a pessoa... Não deixava eu fazer porque na cabeça dela eu não tinha condição de fazer, né? Por exemplo, quando era apresentação de... É Apresentação, né? Poderia muito bem ir lá falar alguma coisa e a pessoa... Ah, mas essa parte eu acho que fica mais difícil pra você. Então, o senso comum, né? Já é... Já tá cheio de preconceito. Então, teve bastante preconceito, sim.

A deficiência visual afeta a visão, a comunicação verbal permanece preservada. Entretanto, novamente as possíveis limitações da cegueria eram ampliadas, gerando o entendimento de incapacidade de comunicação. As duas falas apontam um entendimento de que o estudante era um corpo incapaz, alguém com dificuldades de interação social.

O mesmo participante ao sugerir melhora na atuação da universidade faz a seguinte colocação:

> Ah, eu acho que é sempre a questão da comunicação, né? Porque sempre, mesmo quando alguém vai querer conversar, a pessoa parece que tá conversando com uma entidade, assim, que tem tanta... dificuldade de perguntar as coisas (Participante 2).

Sob a perspectiva marxista entende-se que na sociedade capitalista a pessoa com deficiência é um corpo com menos valor e incapaz para o trabalho, fora da ordem capitalista, portanto atrapalha a produção (Mello, 2020). Possivelmente, havia esse entendimento de que esse estudante estava fora da ordem, já que as pessoas não entendiam que ele era capaz de se comunicar.

Ao relatar uma situação negativa pela qual passou o participante 2 comentou

que:

> Ah, uma negativa que eu lembro é o meu trabalho em grupo, que daí era um conteúdo bem visual, né? Daí uma pessoa chegou e falou pra mim que não dava pra fazer comigo, porque ia ser um trabalho muito difícil. Para eu estar junto. Aí eu tive que procurar outras pessoas pra poderem participar comigo. [...] Aí eu fui até conversar com o professor, né, pra ver o que podia ser feito também. E consegui resolver.

Aqui o participante 2 foi impedido de fazer trabalho com um grupo devido ao conteúdo ter mais caraterísticas visuais. Nota-se que em nenhum momento o colega que negou a participação do estudante no grupo buscou descobrir se haveria alguma maneira de fazer ele entender o conteúdo visual. Possivelmente estava mais preocupado como estudante atrapaalhar o desenvolvimento do grupo e consequentemente prejudicar o grupo, podendo levar até a um rebaixamento da nota de avaliação do trabalho.

Após a crise de 1970 foi implantado o Neoliberalismo este tinha como uma de suas premissas fazer “da competição individual a condição da existência bem-sucedida” (CHAUÍ, 2014, p. 48). Portanto, o colega desse estudante segue a lógica da sociedade atual que tem o individualismo como algo comum. Haja vista que, ele não ser prejudicado em sua avaliação é mais importante do que ele junto com o colega cego buscar maneiras de desevolver o trabalho com conteúdo mais visual. Bem como, consequentemente aprender novas maneiras de auxiliar pessoas com deficiência visual que podem passar por sua vida em outros momentos.

O participante 4 não relatou nenhum episódio que poderíamos classificar como capacitismo que tenha ocorrido com ele. Inclusive até em uma de suas falas a respeito de preconceito disse que “não era muito ligado nisso” (Participante 4). Ele tem baixa visão, os demais têm cegueira. Isso pode indicar que por ele ter maior autonomia devido ao uso da visão que possui tenha enfrentado menos julgamentos capacitistas. Marx (2010) reitera que todos os indivíduos têm como necessidade a emancipação humana, esta consiste em superar todas as formas de alienação, Frigotto (2010) completa dizendo que a emancipação possibilita a superação da exclusão social. Portanto, o Capacitismo como uma forma de alienação, já que julga as pessoas com deficiência fora da condição de capacidade real de cada pessoa, precisa ser superado para que ocorra essa emancipação humana. Para que cada um seja tradado como realmente é.

Os dados encontrados apontaram que apesar da inclusão desses estudantes

com deficiência visual no Ensino Superior, esta é uma “inclusão marginal” que é “um problema social” enfrentado por esses estudantes (Martins, 1997, p. 26). Tendo em vista que, o capacitismo os impedem de se desenvolverem no Ensino Superior com as mesmas “igualdade de oportunidades” de que gozam estudantes videntes (Brasil, 1996).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto foram apresentadas algumas das falas e comportamentos capacitistas relatados pelos participantes entrevistados. Todavia, os dados aqui apresentados não contemplam tudo o que foi encontrado a respeito do Capacitismo nas respostas desses participantes. Porém, pelo fato da pesquisa ainda estar em desenvolvimento, dos dados ainda estarem em fase de análise, bem como a extensão permitida neste texto optou-se por fazer um recorte daquilo que foi encontrado nos dados.

Ao se fazer a escolha em utilizar o Materialismo Histórico Dialético como base teórica de discussão buscou-se desenvolver uma produção acadêmica crítica que esteja contra a ideologia burguesa e a manutenção do sistema capitalista. Uma discussão que apontasse como a alienação embasa a ideologia das classes dominantes conduzindo a falas e ações capacististas em relação aos estudantes que participaram deste estudo. E não apenas mais um estudo descritivo que nem sempre traz algum reflexão sobre o assunto. Entender a dialética marxista é muito importante, pois ela nos mostra que a vida é quem determina a consciência.

Foram apresentadas falas capacitistas de invalidação, supervalorização e incapacidade que apontam entendimentos totalmente alheios à realidade da pessoa com deficiência visual. Um dos participantes até chegou a afirmar que ele teria que aparecer mais nos locais para que as pessoas soubessem que ele também é pessoa.

A grande reclamação desses estudantes foi em relação á comunicação. Haja vista que, as pessoas se comunciam com o guia-vidente do estudante com deficiênia visual e não com ele mesmo. Um deles disse ser tratado como uma “entidade” quando as pessoas falam com ele. Todavia, quando foram perguntados

se sofreram algum preconceito, somente um deles relatou ter sofrido. Assim sendo, como dito no início

do tópico 3, o Capacitismo se mostra como um preconceito velado.

O acesso ao conhecimento é uma das ferramentas para romper com o Capacitismo e enxergar a verdadeira capacidade das pessoas com deficiência de um modo geral. Uma das maneiras de se fazer isso é utilizando o Modelo Social da Deficiência que enxerga a deficiência como uma construção social, em vez de uma condição inerente ao corpo como no modelo médico. A própria legislação brasileira reconhece que a deficiência é um impedimento de longo prazo que em interação com as barreiras impede as pessoas de viverem plenamente. É preciso entender que em todas as sociedades sempre houveram pessoas com deficiência, inclusive a deficiência visual, porém a interação com o ambiente que apontará a deficiência.

Na sociedade capitalista o corpo com alterações é considerado improdutivo, portanto incapaz. Assim falas como essas relatadas encontram eco em uma sociedade onde qualquer alteração física, sensorial, intelectual ou comportamental é um defeito e nãouma condição da diferença.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial [da] União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ ccivil_03/LEIS/L9394.htm>. Acesso em: 11 mar. 2026.

BRASIL. **Lei n. 13.146 de 06 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial [da] União, Brasília, DF, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_ 03/_ato2015-2018/2015/lei/l1314 .htm>. Acesso em: 30 mar. 2026.

CHAUÍ, Marilena. **A Ideologia da Competência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014. v. 3. (Aplicativo Kindle).

ECHES, Elisabete Cristina Pereira. **Acesso e Permanência de Pessoas com Deficiência Visual no Ensino Superior:** análise dos indicadores educacionais brasileiros. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, 2021.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Exclusão e/ou Desigualdade Social?** Questões teóricas e político-práticas. Cadernos de Educação, Pelotas, v. 37, p. 417-442, set./dez. 2010.

GUERREIRO, Elaine Maria Bessa Rebello. **Avaliação da Satisfação do Aluno**

com deficiência no Ensino Superior: Estudo de Caso da UFSCar. 2011. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2011.

INEP – Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Microdados** 2024. Disponível em: < https://www.gov.br/inep/pt-br/acesso-a-informacao/dados-abertos/microdados/censo-da-educacao-superior>. Acesso em: 22 abr. 2025.

INEP – Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Microdado**s, 2020. Disponível no ano de 2020 em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/microdados>. Atualmente indisponível. Acesso em: 05 maio 2020.

KUENZER, Acácia Zeneida. Desafios teórico-metodológicos da relação trabalho educação e o papel social da escola. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
p. 55-92.

MANZINI, Eduardo José. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MANZINI, Eduardo José. **Análise de entrevista**. Marília: ABPEE, 2020. 284 p.

MARCHESAN, Andressa. CARPENEDO, Rejane Fiepke. Capacitismo: entre a designação e a significação da pessoa com deficiência. **Revista Trama,** Marechal Cândido Rondon, v. 17, n. 40, p. 45-55, 2021. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/26199/17003>. Acesso em: 20 mar. 2026.

MARTINS, D. A. LEITE, L. P. LACERDA, C. B. F. de. Políticas públicas para acesso de pessoas com deficiência ao ensino superior brasileiro: uma análise dos indicadores educacionais. **Ensaio:** Avaliação e Políticas Públicas em Educação. Rio de Janeiro, v. 23, n. 89, p. 984-1014, out./dez. 2015. Disponível em: <1809-4465-ensaio-23-89-0984.pdf (scielo.br)>. Acesso em: 2 abr. 2026.

MARTINS, José de Souza. **A exclusão social e a nova desigualdade**. Paulus: São Paulo, 1997.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **O capital.** 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998a. l. 1, 1. v.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998b.

MELETTI, S. M. F. **Educação escolar da pessoa com deficiência mental em instituições de educação especial: da política à instituição concreta**. 2006. 125 f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano). Instituto

de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <cp028309.pdf (livrosgratis.com.br)>. Acesso em: 20 mar. 2026.

MELLO, Anahí Guedes de. Corpos (in) capazes: A crítica marxista da deficiência. As lutas anticapacitistas e anticapitalistas estão do mesmo lado da trincheira. **Jacobin,** São Paulo, 2020, p.98-102. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2021 /02/corpos-incapazes/>. Acesso em: 26 mar. 2026.

NETTO, José, Paulo. **Introdução ao estudo do Método de Marx**. Expressão Popular: São Paulo, 2011.

OXFORD LANGUAGES. **Capacitismo.** 2026. Disponível em: <https://acesse.one/2nst18t>. Acesso em: 26 mar. 2026.

PICCOLO, Gustavo Martins. Capacitismo: uma categoria útil para a análise histórica das marginalizações sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais,** São Paulo, v. 39, 2024. Disponível em: <https://www.scielobr/j/rbcsoc/a/dRpVwh6C99VB6kq 5yxDjyNv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 mar. 2026.

SANTOS, Larissa Xavier dos. “Deficiência” para um dicionário marxista: a política capacitista de uma palavra. **Pensata,** v. 9, n. 2, 2020. DOI: 10.34024/pensata. 2020.v9.11100. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/pensata /article/view /11100>. Acesso em: 16 mar. 2026.

SENADO FEDERAL. **O que é Capacitismo?** Brasília, 29 out. 2024. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/responsabilidadesocial/acessibilidade /pages /o-que-e-capacitismo>. Acesso em: 25 mar. 2026.

WILLIANS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.